

A POLÍTICA EXTERNA INDEPENDENTE EM FORMAÇÃO: O PENSAMENTO INTERNACIONAL DE SAN TIAGO DANTAS NAS PÁGINAS DO JORNAL DO COMMERCIO (1957-1959)¹

DOI: 10.12957/synthesis.2022.71892

RENATO FERREIRA RIBEIRO*

Resumo: Francisco Clementino de San Tiago Dantas foi um dos mais influentes pensadores das relações internacionais e da política externa brasileira do século XX, tendo sido Ministro das Relações Exteriores do governo de João Goulart durante a implementação da Política Externa Independente. Com o intuito de detectar as transformações no pensamento internacional brasileiro que permitiram as inovações conceituais contidas na Política Externa Independente, neste artigo são analisados os editoriais escritos por San Tiago Dantas para o Jornal do Commercio (RJ), entre 1957 e 1959. Argumenta-se que seus escritos revelam algumas das motivações mais imediatas que levaram ao enfraquecimento do (pan)americanismo, entre as elites políticas e intelectuais brasileiras, e à consolidação de um pensamento periférico que permitiria a identificação do país, a partir da ideia do subdesenvolvimento, com a América Latina e o Terceiro Mundo. Veremos que, apesar de defender a filiação do Brasil ao bloco ocidental, San Tiago Dantas já propõe nesses anos a necessidade de abandonar o tradicional alinhamento com os Estados Unidos e buscar novas formas de inserção internacional do país na Guerra Fria, antecipando muitos dos pontos que viriam a formar a Política Externa Independente a partir de 1961.

Palavras-chave: política externa brasileira; americanismo; Guerra Fria; Terceiro Mundo; política externa independente.

The origins of the independent foreign policy: the international thought of San Tiago Dantas in the pages of Jornal do Commercio (1957-1959)

Abstract: Francisco Clementino de San Tiago Dantas was one of the most influential thinkers on international relations and Brazilian foreign policy in the 20th century, having been João Goulart's Minister of Foreign Affairs, during the implementation of the Independent Foreign Policy. In order to detect the transformations in Brazilian international thought that allowed the conceptual innovations contained in the Independent Foreign Policy, this article analyzes the editorials written by San Tiago Dantas for Jornal do Commercio (RJ), between 1957 and 1959. We argue that his writings reveal some of the most immediate motivations that led to the weakening of (Pan)Americanism among Brazilian political and intellectual elites and the

* Mestre e doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos e bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-Franca). Membro da “*International Network for Analysis of Corporatism and Organized Interests*” (NETCOR) e do grupo “Ideias e instituições para o desenvolvimento e a democracia” (CNPq/UFSCar). Editor da Revista Agenda Política (UFSCar). ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-7542-9651>>. E-mail: renato_7ri@yahoo.com.br.

consolidation of a peripheral thought that would allow the rapprochement between the country and the undeveloped world. Despite supporting Brazil's affiliation to the Western, San Tiago Dantas defended in these years the need to abandon the traditional alignment with the United States and seek new forms of international insertion of the country in the Cold War, anticipating many of the points that would constitute the Independent Foreign Policy from 1961 to 1964.

Keywords: Brazilian foreign policy; Americanism; Cold War; Third World; independent foreign policy.

INTRODUÇÃO

A Política Externa Independente (PEI), formulada e implementada entre 1961 e 1964 nos governos de Jânio Quadros e João Goulart, tinha como objetivo a inserção internacional autônoma do Brasil em relação aos blocos político-militares da Guerra Fria. O Brasil passou a defender no plano internacional a preservação da paz, por meio do desarmamento e da prática da coexistência entre o Ocidente e a União Soviética, o apoio à descolonização e o princípio da autodeterminação dos povos, a ampliação do mercado externo brasileiro, com o reatamento de relações comerciais com o bloco socialista, e o fomento ao comércio entre os países do bloco latino-americano e a defesa da cooperação econômica internacional como forma de impulsionar o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos (DANTAS, [1962] 2011).

A PEI significou uma ruptura na política externa brasileira do século XX, ao adotar como eixo estruturante da diplomacia o universalismo, ao invés do americanismo que a caracterizava desde a gestão do Barão de Rio Branco (LIMA, 1994; PINHEIRO, 2000). No plano hemisférico, a adoção da PEI levou ao ocaso do pan-americanismo enquanto projeto de integração continental liderado pelos Estados Unidos e a um maior alinhamento do Brasil com os países latino-americanos (WEIS, 2001). Por fim, no plano global, a PEI constituiu uma etapa fundamental do processo de aproximação do Brasil, que aconteceria, sobretudo, na década de 1970, com os países subdesenvolvidos e com o movimento terceiro-mundista (FONSECA JR., 1998; LEITE, 2011; ALVES, 2018; SAHNI, 2015).²

Apesar da inovação, os fundamentos da PEI enunciados e postos em prática na primeira metade dos anos 1960 podem ser considerados produto de uma longa maturação no pensamento internacional brasileiro e na diplomacia. Dessa forma, as origens da PEI remontariam pelo menos ao início da década de 1950, quando “os temas da política externa começam a ter um peso progressivo na vida nacional, entrando para o centro do debate e sendo diretamente influenciada por grupos não ligados aos aparelhos de Estado” (VIZENTINI, 1995, p. 98), bem como as iniciativas tentadas ou cogitadas durante os governos de Getúlio Vargas (1951-1954) e Juscelino Kubitschek (1956-1960) (QUINTANEIRO, 1988; BANDEIRA, 1999; VIZENTINI, 2004; MANZUR, 2014).

Com o intuito de detectar as transformações no pensamento internacional brasileiro que permitiram as inovações conceituais contidas na formulação da Política Externa Independente, neste artigo são analisados os editoriais escritos para o *Jornal do Commercio* (RJ), entre 1957 e 1959, por Francisco Clementino de San Tiago Dantas (1911-1964), um dos mais influentes pensadores das relações internacionais e da política externa brasileira do século XX. Ministro das Relações Exteriores do governo parlamentarista de João Goulart, entre setembro de 1961 e julho de 1962, San Tiago Dantas foi um dos principais formuladores da PEI³. Já era um reconhecido intelectual, jurista e advogado de empresas quando, no início de 1957, adquiriu e tornou-se editor do *Jornal do Commercio*, um dos mais tradicionais periódicos cariocas da época⁴. Filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), desde 1955, sua intenção era transformar o jornal em “um órgão de opinião, pronto a tomar posição própria em todas as opções e alternativas que se apresentam ao país”, voltando-se “integralmente para a luta pelo desenvolvimento econômico e social”⁵.

San Tiago Dantas foi responsável pela seção editorial do jornal⁶, intitulada “Várias”⁷ e publicada na página 4, entre 25 de março de 1957 e 2 de abril de 1959, tendo diminuído consideravelmente o ritmo de publicação a partir de maio de 1958, quando passou a se dedicar à sua campanha para a Câmara dos Deputados. Nas páginas do *Jornal do Commercio*, San Tiago debateu muitas das ideias que defenderia como deputado federal e como importante político

trabalhista entre 1959 e 1964, quando também ocupou os Ministérios das Relações Exteriores e da Fazenda⁸. Segundo Gonçalves (2010, p. 194), pode-se mesmo considerar que “as linhas mestras daquela que veio mais tarde a ser denominada ‘Política Externa Independente’ foram delineadas nas páginas do Jornal do Comércio, em 1957, quando esse jornal ficou sob sua direção”.

Dos 320 editoriais escritos por San Tiago nos anos de 1957 e 1959, foram analisados todos aqueles dedicados às relações internacionais e à política externa brasileira (cerca de um terço).⁹ Neles, é possível identificar as principais ideias que constituíam o pensamento internacional de San Tiago Dantas nos anos anteriores à formulação da Política Externa Independente, em um momento caracterizado, externamente, pelo acirramento da disputa tecnológica entre os Estados Unidos e a União Soviética, bem como pelo fortalecimento da descolonização, do movimento dos países não alinhados e dos debates sobre o desarmamento e a paz mundial (ZUBOK, 2009) e, internamente, pela crescente crise econômica e social e a intensa polarização política (GOMES; FERREIRA, 2014).

Argumenta-se que seus escritos revelam algumas das motivações mais imediatas que levaram ao enfraquecimento do (pan)americanismo entre as elites políticas e intelectuais brasileiras e à consolidação de um pensamento periférico que permitiria a identificação do país, a partir da ideia do subdesenvolvimento, com a América Latina e o futuro Terceiro Mundo (DEVÉS-VALDÉS, 2014; BERGEL, 2015). Veremos que, apesar de defender a filiação do Brasil ao bloco ocidental, San Tiago Dantas já assume nesses anos a necessidade de abandonar o tradicional alinhamento com os Estados Unidos e buscar novas formas de inserção internacional do país na Guerra Fria, antecipando muitos dos pontos que viriam a formar a Política Externa Independente a partir de 1961.

1 AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS NO FINAL DA DÉCADA DE 1950: DISTENSÃO, DESARMAMENTO E COEXISTÊNCIA

Em 17 de novembro de 1957, San Tiago Dantas comemorava nas “Várias” a notícia de que os Estados Unidos haviam realizado com sucesso o primeiro teste de um projétil de longo alcance, o que, segundo o autor, “veio restaurar no mundo democrático pelo menos uma parcela da confiança” abalada pelo lançamento, duas semanas antes, do satélite artificial soviético Sputnik 2, que levava a cadela Laika ao espaço.¹⁰

Para San Tiago, a liderança mundial no sistema bipolar da Guerra Fria, a qual caracterizava como o “estado de tensão e concorrência entre o Ocidente e o Oriente comunista”¹¹, se dava sobretudo pela primazia das descobertas científicas e tecnológicas, dependendo, portanto, “fundamentalmente da capacidade de uma das facções de manter em relação à outra uma taxa maior de aperfeiçoamento tecnológico”¹². San Tiago acreditava que, na impossibilidade de a disputa ser resolvida por meios militares devido à certeza da mútua destruição pelo uso das armas nucleares, a Guerra Fria se apresentava, sobretudo, no plano cultural e na atração que cada um dos sistemas político-ideológicos pudesse exercer no mundo, em especial sobre os países subdesenvolvidos e os novos Estados em processo de independência política.

Se desde a vitória da Revolução Russa em 1917, o “mundo democrático” – como o autor chamava o bloco capitalista liderado pelos Estados Unidos – vinha liderando indubitavelmente esse processo, San Tiago observava que, na segunda metade dos anos 1950, a União Soviética havia conseguido equiparar-se ao Ocidente. Para ele, os avanços tecnológicos alcançados pelo bloco ao longo de 1957 demonstravam que a ciência soviética, pela primeira vez, provava ser capaz de se desenvolver com meios próprios e alcançar soluções próprias para os grandes problemas científicos, sem mais se limitar à repetição ou reprodução do que se produzia nos institutos e laboratórios norte-americanos.¹³

Dessa forma, não era mais possível aos oponentes do comunismo insistir no argumento de que o regime político e econômico instituído na Rússia a partir de 1917 havia reduzido o país “à ruína e à miséria, impondo às populações subjugadas um nível de vida e de civilização inferior ao da época czarista”¹⁴. Somente ignorantes poderiam negar o papel primordial que a planificação econômica combinada com a disciplina totalitária do consumo e do trabalho tiveram na construção de um vasto e tecnológico parque industrial, bem como de uma agricultura moderna.

Ao mesmo tempo, San Tiago apontava que tais progressos materiais haviam sido conseguidos a um alto custo social. Após ter realizado “a mais cruenta das guerras civis” na época da Revolução, os bolcheviques haviam organizado seu novo regime por meio do “terrorismo organizado, a supressão sistemática das liberdades civis e políticas, o esmagamento de qualquer discordância ou oposição e, acima de tudo, a organização de um aparato policial onipotente e onipresente”¹⁵. Para Dantas, o regime soviético baseava-se em uma filosofia do amesquinamento do indivíduo em relação ao Estado e ao Partido, constituindo para ele um “verdadeiro rolo compressor da personalidade humana”¹⁶. Nesse modelo de sociedade, até mesmo a cultura, a ciência, a arte e o esporte, apesar dos grandes avanços nesses campos constatados pelo mundo nos últimos anos, eram “mobilizados, não como meios de aprimoramento e de elevação da pessoa humana”¹⁷, mas como instrumentos capazes de reforçar o poderio e a autoridade do Estado e do Partido”¹⁸.

Segundo San Tiago, a partir da morte de Stálin, em 1953, e com a denúncia da linha política stalinista por Nikita Krushev desde 1956, a União Soviética passava por importantes transformações internas e em sua política exterior. Internamente, observava que Krushev se esforçava para “corrigir certas distorções fascistas a que o personalismo de Stalin conduzira o regime”, embora não acreditasse que a União Soviética caminhasse para tornar-se uma democracia, uma vez que a nova linha política significava “uma volta deliberada e efetiva às teses e aos métodos mais ortodoxos do marxismo e do leninismo”¹⁹.

A desestalinização do regime soviético implicou também uma reformulação da sua política exterior. Segundo San Tiago, sob Stálin, a União Soviética adotava uma política que visava criar e manter uma tensão sempre aguda com o Ocidente. Por outro lado, não havia sido capaz de estabelecer um regime de paz entre os países do mundo comunista e fracassado em sua capacidade de obter a adesão de satélites ocidentais ou asiáticos ao bloco: “Seu processo era a manutenção de governos títeres, da confiança do Kremlin, e não dos povos governados. Esse sistema perdeu a Iugoslávia, fomentou as insurreições conhecidas da Hungria e da Polônia, e não permitiu uma cooperação real com a China”²⁰.

Inaugurada em seu famoso discurso no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética em fevereiro de 1956, a nova política externa de Krushev buscava, pelo menos retoricamente de acordo com San Tiago, a distensão das relações e a coexistência pacífica entre os blocos comunista e ocidental. Além disso, na tentativa de manter-se na liderança do movimento revolucionário internacional, sob Krushev, a URSS havia modificado sua tradicional linha internacionalista “no sentido não mais de combater, mas de assimilar o nacionalismo [dos países subdesenvolvidos], e dirigi-lo contra dois objetivos: a aliança norte-americana, e a iniciativa privada”²¹, passando mesmo a destinar programas de auxílio econômico a essas nações²².

San Tiago enxergava como positivas as mudanças propostas por Krushev. Para ele, desde o fim da 2ª Guerra Mundial, o mundo vivia em um estado de “equilíbrio do terror”, ou seja, sob uma paz instável garantida pela “recíproca inibição” que os riscos do emprego do armamento nuclear gerava para ambos os lados. San Tiago propunha a “substituição do atual regime de antagonismo e guerra fria por uma convivência construtiva”²³, em que se conseguisse estabilizar e institucionalizar o estado de tensão política entre o “mundo democrático” e o “mundo totalitário”²⁴.

Diante da possibilidade do aniquilamento da vida na Terra, San Tiago entendia que o ideal da paz no mundo havia se transformado de algo relativo para um valor absoluto e prioritário. Se, no passado, a guerra podia ser justificada por certos motivos morais, jurídicos ou econômicos, na era nuclear, a guerra “tornou-se incompatível com a sobrevivência de qualquer dos valores, em nome dos quais até aqui se justificava a ruptura da paz”²⁵. Dessa forma, a preservação da paz era, para ele, “o primeiro e o mais imperativo dever dos homens desta geração”²⁶.

A causa da humanidade, em que os povos e os estadistas do nosso tempo poderão vencer ou falhar, veio a ser, assim, a causa da paz. Se conseguirmos construí-la, e colocá-la sobre bases definitivas, teremos vencido o supremo desafio lançado à nossa época, e salvo a humanidade do risco da destruição física e moral. Se chegarmos a perdê-la, veremos desaparecer no incêndio instantâneo das explosões nucleares, e na

infestação radioativa dos rebanhos humanos sobreviventes, tudo que a civilização criou, e de que fizemos nossa razão de ser.²⁷

San Tiago entendia haver três formas de pacifismo em disputa na política internacional naquele momento. A primeira delas consistia no simples desarmamento, “executado com o propósito de tornar a guerra difícil pela falta de meios materiais de fazê-la”²⁸. Para o autor, essa proposta era impraticável, pois seria muito difícil comprovar “um paralelismo rigoroso no desarmamento dos dois blocos”²⁹.

Mas apesar de não achar essa proposta suficiente para resolver o problema da tensão entre os blocos, o desarmamento era para San Tiago um dos temas mais urgentes a serem enfrentados no mundo moderno. Com a nova política externa soviética e uma nova disposição dos países ocidentais em apoiar o desarmamento, San Tiago acreditava que o tema tinha chances de avançar, embora considerasse que o clima de confiança recíproca exigido ainda estivesse longe do ideal.³⁰ Viu com grande otimismo o estabelecimento da Agência Internacional de Energia Atômica em julho de 1957 e a realização da sua primeira conferência em Viena em 1º de outubro de 1957³¹, bem como a realização de reuniões sobre o tema no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU)³².

San Tiago defendia um desarmamento gradual e progressivo e a renúncia ao emprego de armas nucleares pelos Estados nas guerras, transferindo essa prerrogativa para um futuro sistema de segurança coletiva construído dentro do arcabouço da ONU. Na sua proposta, aos Estados seria permitido continuarem as pesquisas nucleares (de forma a aperfeiçoar as tecnologias e possibilitar a criação de uma “bomba limpa” isenta dos resíduos radioativos³³) e mesmo a produção das armas nucleares, mas a faculdade de seu uso na guerra deveria ser gradualmente transferida para a ONU.

A Organização das Nações Unidas só recorre à ação militar para restabelecer o rompimento da paz e reprimir a guerra injusta. É conceitualmente inadmissível atribuir a essa Organização a iniciativa de uma agressão ou qualquer propósito expansionista de caráter territorial ou econômico, que infelizmente cabe no âmbito dos Estados. Um organismo com essas características, é o único que reúne as condições totais de idoneidade para decidir, em casos extremos, sobre o emprego de uma arma de tão graves consequências práticas e morais.³⁴

A segunda forma de pacifismo era a proposta de um acordo de paz que dividisse o mundo em duas zonas estanques de influência, sob a liderança dos Estados Unidos e da União Soviética, reconhecendo os direitos que cada uma das potências teria sobre sua própria área. Essa proposta era inaceitável para San Tiago, uma vez que sua adoção implicaria a perda de qualquer possibilidade de autonomia para as nações menos desenvolvidas e “longe de garantir a paz, prepararia irremediavelmente o encontro final entre as duas facções”³⁵.

A única proposta plausível de estabelecimento da paz mundial para San Tiago era a da aceitação de uma “convivência normal” entre os blocos, abrindo-se ao risco da competição e da interpenetração política e econômica³⁶. Acreditava que as democracias ocidentais não deveriam se intimidar com o contato com o mundo soviético, uma vez que podiam confiar na superioridade do seu estilo de vida em comparação com o estilo de vida comunista.

Para San Tiago, era hora de o Ocidente, sobretudo os Estados Unidos, reformular radicalmente sua atuação internacional, aceitando e promovendo a distensão político-militar e a coexistência entre os blocos. No entanto, em sua visão, a prevalência do modelo ocidental nesta competição não militar dependeria da capacidade dos países democráticos de liderarem a opinião pública internacional e reforçarem os laços de solidariedade entre as nações do bloco democrático por meio da cooperação internacional para o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos.

Nesse sentido, por um lado, considerava importante que os Estados Unidos tomassem à frente dos debates em torno da criação de uma “ética do emprego das armas nucleares”, recuperando seu prestígio perante a opinião pública internacional e permitindo à diplomacia ocidental “reconquistar a confiança dos países neutros árabes e asiáticos, que intimamente pareciam

censurar uma atitude negativa ou indiferente em uma matéria carregada de emocionalismo e de apreensões³⁷. Por outro lado, San Tiago defendia que a prevalência do modelo ocidental no mundo dependia da capacidade que as democracias desenvolvidas tivessem de apoiar a melhora do nível de vida nos países subdesenvolvidos.

2 O ESGARÇAMENTO DAS RELAÇÕES ENTRE A AMÉRICA LATINA E OS ESTADOS UNIDOS

Apesar de se posicionar inequivocamente dentro do campo anticomunista e defender a existência de uma unidade cultural entre os países do Ocidente cristão, San Tiago diferenciava claramente duas classes de países: a dos desenvolvidos e a dos subdesenvolvidos. Países subdesenvolvidos, como os latino-americanos, africanos e asiáticos, caracterizavam-se por uma estrutura produtiva voltada para a exportação de bens primários e a importação de bens manufaturados, alimentos e combustíveis; enquanto países desenvolvidos, como os da Europa Ocidental e os Estados Unidos, sustentavam sua variada produção no consumo de um grande mercado interno e na exportação de produtos elaborados, “cujos preços são sempre favorecidos pela evolução dos termos de comércio”³⁸.

Em sua interpretação, a debilidade estrutural dos países subdesenvolvidos se refletia também em suas configurações sociais, apresentando uma formação cultural imprecisa e de tipo ornamental e duas classes sociais muito distantes entre si: de um lado, uma burguesia com hábitos de consumos suntuários e com baixa capacidade de investimento e, de outro, classes populares miseráveis propensas à insatisfação social.³⁹ Dessa forma, San Tiago defendia que a via do desenvolvimento econômico nos países subdesenvolvidos, que incluía a industrialização e a diversificação da produção combinada com a melhor distribuição da renda nacional, só poderia ocorrer por meio de uma política de desenvolvimento intensivo, induzida pelo Estado⁴⁰. No entanto, como esses países não dispunham de capitais privados internos suficientes e acumulavam perdas no comércio internacional, esse processo deveria ser apoiado pelas nações desenvolvidas interessadas na sobrevivência e prevalência do modelo ocidental.

Para San Tiago, o regime democrático só poderia sobreviver nos países subdesenvolvidos se fossem eliminados o pauperismo e a grande desigualdade social entre as classes, uma vez que essas condições contribuíam para a insatisfação popular com as instituições democráticas e o aumento do apelo do comunismo. Dentro da lógica da coexistência defendida por ele, na qual os blocos competem de forma não militar pela liderança mundial, San Tiago entendia que o “mundo democrático” deveria agir em conjunto para (1) eliminar a pressão social interna que alimentava o comunismo nos países subdesenvolvidos e (2) fortalecer os laços de solidariedade que unem os países democráticos. “Preservar a democracia é, assim, promover, internamente, a distribuição da riqueza na sociedade, e, por um esforço coletivo, o enriquecimento e o fortalecimento das nações.”⁴¹

Para isso, San Tiago defendia a promoção de um plano de cooperação internacional que fomentasse o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos, bem como a adoção de mecanismos destinados a corrigir os efeitos negativos do comércio internacional entre as duas classes de países. Entendia que os Estados Unidos deveriam liderar esse esforço, formulando uma “política de cooperação internacional em grande escala para ajudar outros povos a vencerem o subdesenvolvimento econômico, elevando-se a uma estrutura condizente com a verdadeira solidariedade entre as nações livres”⁴².

San Tiago salientava que a cooperação internacional para o desenvolvimento havia sido uma das grandes novidades do pós-2ª guerra, quando os Estados Unidos e a União Soviética passaram a prestar auxílio econômico aos seus aliados naturais, não por um imperativo ético, mas por um realismo político, como forma de afirmar suas áreas de influência.⁴³ Dessa forma, os EUA forneceram auxílio governamental aos países devastados pela guerra, sobretudo por meio do Plano Marshall para a Europa, fortalecendo seus regimes contra a infiltração do comunismo. Quando a Europa se encontrava estabilizada e a tensão geopolítica se deslocava para a Ásia no início da década de 1950, em razão da comunização da China e da eclosão da Guerra da Coreia, a prioridade estratégica da política externa dos EUA voltou-se para a afirmação da influência ocidental naquela área, tendo formulado então o Pacto do Sudoeste da Ásia e destinado grande parte do auxílio econômico norte-americano para lá.⁴⁴

Enquanto isso, avaliava San Tiago, os Estados Unidos vinham negligenciando suas relações com os países latino-americanos e os esforços empreendidos por eles desde 1951 para conseguir ajuda financeira governamental norte-americana⁴⁵. Dentro do espírito do Ponto IV proposto por Henry Truman em 1949, os EUA apoiaram programas de assistência técnica destinados aos países latino-americanos, dentre os quais estava a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos (1951-1953); no entanto, até então, haviam se negado a ajudar o processo de desenvolvimento nos países da região com recursos públicos.

A postura negligente dos EUA em relação à América Latina durante a Guerra Fria se baseava, segundo San Tiago, em dois pressupostos: o primeiro, que a região estaria menos exposta à pressão da propaganda comunista, por sua proximidade geográfica e cultural com os EUA; o segundo, que a região deveria abandonar o nacionalismo econômico e confiar seu processo de desenvolvimento à iniciativa privada, procurando atrair capitais privados internacionais e suplementando-se a sua deficiência com recursos do Export-Import Bank e do Fundo Monetário Internacional.⁴⁶

Em sua visão, somente um programa de ajuda governamental poderia contribuir para o desenvolvimento da região, uma vez que “os problemas críticos das economias subdesenvolvidas do hemisfério são em geral, problemas de infraestrutura, para os quais não se sentem particularmente atraídos os investidores privados”⁴⁷. Para além do alargamento dos créditos públicos concedidos, os Estados Unidos deveriam alterar a sua doutrina de condenação do nacionalismo econômico na região e passar a apoiar projetos de indústrias, energia e transporte, mesmo que estatais, capazes de gerar uma infraestrutura sólida para o desenvolvimento latino-americano.

Ora, o fato é que, nos países latino-americanos, seja pela debilidade da livre empresa, seja devido a justificada oposição política à penetração de capitais estrangeiros em determinadas atividades, não é viável o ingresso dos capitais particulares norte-americanos em setores fundamentais e no volume requerido pelas necessidades do desenvolvimento econômico. Donde ser necessária maior flexibilidade, por parte das autoridades de Washington, na interpretação das tarefas de desenvolvimento a serem providas pelo capital governamental.⁴⁸

Para San Tiago, o nacionalismo econômico latino-americano se fundava em razões políticas legítimas, e não em extravagâncias ideológicas ou resíduo emocional, como supunham os norte-americanos⁴⁹. Enquanto reação natural de suas populações contra a subordinação política e econômica aos interesses dos povos desenvolvidos e das grandes empresas internacionais, o nacionalismo econômico havia se transformado em uma filosofia de governo nos países latino-americanos, “amparada por argumentos racionais e confrontada com a realidade”⁵⁰. A incompreensão de sua natureza pelos Estados Unidos, argumentava San Tiago, poderia fazer crescer na região o sentimento antiamericano e um nacionalismo de caráter emocional estimulado pelos comunistas, como havia acontecido na China e outros países asiáticos em sua luta anti-imperialista.

O nacionalismo econômico, no campo do petróleo como em qualquer outro, tornou-se, assim, uma ideologia de defesa, cujo objetivo é impedir que as soluções dos problemas brasileiros sejam encontradas através do seu equacionamento com outros problemas de maior escala, o que às vezes conduz à sua protelação no tempo ou à sua deformação intencional. Não compreender o nacionalismo brasileiro, e latino-americano em geral, é uma atitude que os círculos norte-americanos mais esclarecidos não se podem permitir, pois seria desconhecer uma realidade continental, cujas raízes estão no passado próximo, e cujo fundamento racional é fácil de demonstrar.⁵¹

San Tiago considerava que essa mudança deveria ocorrer sobretudo em relação à pesquisa, exploração, refino e transporte do petróleo, cuja nacionalização e controle estatal eram essenciais para a soberania e a independência dos países da região.

Ninguém duvida que as companhias internacionais, com os recursos e a experiência de que dispõem, estão plenamente aptas a enfrentar, nas melhores condições possíveis, o problema da pesquisa, exploração e refino de petróleo. Mas essa verdade não exclui outra, a saber, que as companhias internacionais têm interesses de escala mundial, em função dos quais são obrigadas, pelo princípio de boa administração de seus negócios, a encarar os interesses de cada uma das áreas nacionais que lhes são entregues sob a forma de concessão. Ora, se assim é, nenhum país desejoso de preservar a sua liberdade de decisão a respeito dos problemas vitais para sua economia e a sua segurança, entre os quais avulta o do combustível, pode hoje aceitar um regime de concessões que transfira essa liberdade para um centro de decisão supranacional.⁵²

Segundo o autor, em relação ao comércio internacional, um dos principais problemas das economias da América Latina era a instabilidade dos preços dos bens primários exportados aos Estados Unidos, o que acarretava déficits no seu balanço de pagamentos e, por fim, acabava mesmo comprometendo as exportações dos Estados Unidos para a região. Ao invés da adoção de um plano de estabilização artificial dos preços, pensava que conviria aos norte-americanos, em primeiro lugar, apoiar a industrialização e a diversificação da economia dos países latino-americanos, “com o que se beneficiarão as relações de troca no hemisfério, adquirindo maior estabilidade e diminuindo o recurso periódico ao financiamento norte-americano”⁵³.

Em segundo, os Estados Unidos poderiam revisar algumas medidas desvantajosas para a América Latina no comércio continental, tais como a adoção de tarifas aduaneiras discriminatórias contra produtos “sob forma já elaborada” (naquele momento, por exemplo, os compensados de madeira exportados pelo Brasil eram tributados muito mais fortemente do que a madeira bruta) e as limitações impostas às importações de minerais latino-americanos, como o cobre e o petróleo, “golpeando seriamente o comércio de países que não têm ocupação alternativa para a sua mão de obra, e contrariando toda a tradição americana de concorrência aberta e leal”⁵⁴.

Apesar da baixa probabilidade de a América Latina sofrer agressões militares da União Soviética, San Tiago acreditava que a situação do subdesenvolvimento e da insatisfação das classes populares na região pudesse torná-la suscetível à influência cultural do comunismo. A situação tornava-se ainda mais delicada diante da possibilidade de oferta de cooperação internacional para o desenvolvimento pela União Soviética aos países latino-americanos, uma vez que, ao contrário dos Estados Unidos, esta não discriminaria os projetos ligados ao petróleo estatal, sendo, portanto, capaz de atrair os setores nacionalistas desses países.⁵⁵ Além disso, em sua avaliação, a destinação de programas de auxílio econômico dos Estados Unidos aos demais países subdesenvolvidos, asiáticos e africanos, em detrimento da América Latina, colocavam a região em desvantagem em relação ao resto do mundo.

Dir-se-ia que a América Latina está sofrendo as conseqüências paradoxais de não haver surgido entre nós uma agressão comunista eficaz, e que uma política de cooperação para o desenvolvimento econômico só nos será dispensada com a necessária largueza, quando a União Soviética se lembrar de concentrar nesta parte do mundo, em grande escala, seus processos de propaganda e aliciamento. [...] A América Latina, sendo a área geográfica a mais poupada às tensões políticas e aos riscos militares criados pelo antagonismo entre a democracia e o comunismo, passa a ser, por uma conseqüência infeliz, a mais demoradamente exposta aos danos do pauperismo e do subdesenvolvimento, para cuja correção apenas se reservam recursos residuais.⁵⁶

Por ocasião da Conferência Econômica Interamericana da Organização dos Estados Americanos, realizada em agosto de 1957, em Buenos Aires, San Tiago recomendava aos delegados dos países latino-americanos agirem de forma coordenada para cobrarem dos Estados Unidos a reformulação de sua política continental.⁵⁷

[...] enfrentamos de novo a perspectiva melancólica de um “tratamento residual” para os problemas da América Latina. Influir para que se altere essa orientação do Departamento de Estado, injetando-se substância econômica no sistema pan-americano, é a tarefa mais importante que se impõe à diplomacia brasileira e, aliás, a toda a diplomacia latino-americana. Essa é a primeira consideração que sublinha a importância da nossa posição na Conferência Econômica de Buenos Aires.⁵⁸

Para San Tiago, os ideais pan-americanos sobre os quais repousavam as relações hemisféricas desde o século XIX estavam a ponto de esgarçar-se, diante da crescente disparidade entre os Estados Unidos e o bloco latino-americano. Apesar de constituir o mais avançado e antigo sistema de convivência regional, não bastava ao sistema interamericano basear-se numa (cada vez mais artificial) igualdade jurídica entre os seus membros; era necessário dar um conteúdo econômico ao pan-americanismo⁵⁹. Somente diminuindo o desnível entre os dois grupos de nações, o hemisfério americano poderia sobreviver e se tornar “o bloco democrático por excelência, unindo a coesão ideológica à unidade geográfica”⁶⁰.

As hostilidades enfrentadas pelo vice-presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, em suas visitas, em maio de 1958, a Argentina, Peru, Colômbia e, sobretudo, Venezuela foram vistas por San Tiago como uma confirmação de seus argumentos de que as profundas desigualdades entre as classes sociais dos países subdesenvolvidos poderiam levar à crescente insatisfação social e ao anti-americanismo na região, minando os ideais de convivência continental e a legitimidade democrática. Embora lamentasse “os atos de desordem raiando pelo atentado pessoal”, San Tiago insistia que não era possível diminuir a significação dos episódios, devendo os diplomatas, políticos e formadores de opinião norte-americanos investigarem as causas mais profundas desse sentimento, cada vez mais difuso no continente.

Provavelmente se descobrirá que as causas são várias e mutáveis, mas entre elas avultarão duas, que escondem, sob a aparência da maior materialidade, uma atitude de incompreensão da parte dos Estados Unidos para com seus aliados deste hemisfério: a primeira é a indiferença dos Estados Unidos em face da queda de preços dos produtos primários, de cuja exportação para os próprios Estados Unidos vivem as economias latino-americanas; a segunda é a recusa de apoio técnico-financeiro às entidades estatais criadas para resolver, nos países latinos, o problema vital do combustível.⁶¹

Embora acreditasse haver um movimento crescente entre os norte-americanos de revisarem sua política de cooperação com a América Latina, mesmo dentre o *establishment* republicano que comandava os EUA no final da década de 1950⁶², San Tiago considerava que apenas a criação de alguma forma nova de pressão política pelo Brasil e pelos países latino-americanos seria capaz de induzir tal modificação na conduta norte-americana. Ao fim de 1957, San Tiago entendia que o Brasil necessitava rever toda a sua política externa⁶³ e que a integração política e econômica da América Latina, liderada pelo Brasil e pela Argentina, seria a única forma de a região garantir a atenção dos Estados Unidos e do mundo para as suas necessidades de desenvolvimento⁶⁴.

3 NOVOS RUMOS PARA A POLÍTICA EXTERNA

Para San Tiago, ainda que a política internacional fosse em grande parte definida pelas ações das duas potências dominantes, os demais países poderiam e deveriam perseguir uma política exterior que atendesse aos seus interesses vitais.⁶⁵ Considerava que até mesmo países pequenos e pouco desenvolvidos poderiam exercer algum grau de influência nas relações internacionais, uma vez que poderiam contribuir para a formação da opinião pública internacional, de forma a condicionar a ação dos Estados mais poderosos.⁶⁶

Ao mesmo tempo que apostava na cooperação internacional dos Estados Unidos e defendia a manutenção do Brasil no bloco de países ocidentais, a postura evasiva e os erros dos norte-americanos na liderança continental e a necessidade de sustentar um ritmo intensivo de desenvolvimento no país levaram San Tiago a explorar outras opções que se abriam para a diplomacia brasileira naqueles anos da Guerra Fria, que fossem para além da linha americanista seguida até então. Dessa forma, San Tiago entendia que o Brasil deveria aprimorar sua consciência internacional, ainda pouco desenvolvida entre as elites políticas brasileiras, e “reexaminar toda a sua política externa, dentro de um espírito da mais estrita fidelidade às suas alianças tradicionais, mas também com a consideração realista das perspectivas pouco favoráveis que se nos deparam”^{67, 68}

Entre os principais pontos a serem revisados estava a universalização das relações políticas e comerciais do Brasil, para além do bloco ocidental. San Tiago defendeu no *Jornal do Comercio* o reatamento das relações políticas e comerciais do Brasil com a União Soviética e com os países da sua área de influência, seguindo o exemplo dos países líderes do mundo democrático.⁶⁹ O assunto deveria ser considerado sob o aspecto dos interesses brasileiros, não significando nenhum tipo de simpatia ideológica com o bloco comunista. Pensava que a inexistência de relações políticas com a URSS seria um fator altamente limitante dos meios de ação diplomática disponíveis para o Brasil, caso o país quisesse desempenhar um papel cada vez mais influente nas relações internacionais.

Independentemente do reatamento diplomático, que encontraria maior resistência interna, San Tiago entendia que as relações comerciais com o mundo comunista deveriam ser fomentadas e disciplinadas, uma vez que o Brasil “tem necessidade de ver ampliado o mercado mundial de café e se possível, de obter comprador para produtos gravosos, cujo custo de produção não está permitindo que ingressemos na concorrência internacional, nas condições de câmbio reinantes”⁷⁰.

No entanto, como a troca com os mercados comunistas obedecia a certas peculiaridades, o Brasil necessitava estar aparelhado adequadamente para não ter seus interesses prejudicados. Considerando que o comércio externo soviético era monopólio do Estado e seguia muitas vezes motivos e critérios políticos, o Brasil precisaria se assegurar, em primeiro lugar, que as correntes comerciais estabelecidas fossem estáveis e regulares, e não compras episódicas meramente “políticas” que estimulassem “investimentos que amanhã correm o risco da ociosidade, a exemplo do que nos tem acontecido, não em relação aos soviéticos, mas em relação a países aliados, nas conjunturas excepcionais da economia de guerra”⁷¹. Em segundo, o Brasil deveria se prevenir contra a reexportação pela União Soviética dos produtos brasileiros aos países de sua área de influência que já compravam ou poderiam vir a comprar diretamente das empresas brasileiras.⁷²

Para além dos motivos estritamente econômicos, San Tiago entendia que o estabelecimento de vínculos comerciais cada vez mais fortes entre as nações ocidentais e comunistas contribuiria para a diminuição da tensão internacional e dos riscos de conflito, criando uma forte trama de interesses legítimos e pacíficos entre eles.

O que a política muitas vezes não faz, ou faz com dificuldade, os laços econômicos con-seguem operar frutuosamente. É esse um dos aspectos mais positivos do desenvolvimento das relações comerciais entre o Ocidente e o Oriente, e o Brasil só tem a lucrar com a sua participação nele.⁷³

Para San Tiago, o reatamento diplomático e comercial com a União Soviética não poderia ser usado como forma de ameaça aos Estados Unidos, caso esse país continuasse a negar auxílio econômico à América Latina. Além de ser contrária às tradições morais da diplomacia brasileira,

o autor entendia que esse tipo de chantagem poderia comprometer a liberdade dos países latino-americanos de estabelecer relações comerciais com o bloco socialista. “Comerciaremos, ou não comerciaremos, com esses países, segundo a nossa conveniência, quer haja, quer não haja, auxílio econômico mais substancial por parte dos norte-americanos.”⁷⁴

Ao mesmo tempo, acreditava que o Brasil e a América Latina não poderiam mais insistir em estratégias que não vinham dando resultado nas negociações com os norte-americanos. Tanto para requalificar suas relações com os EUA quanto para fortalecer sua atuação internacional, San Tiago apostava, sobretudo, na integração política e econômica com a América Latina e, em menor grau, na atuação conjunta com países subdesenvolvidos de outras regiões.

San Tiago considerou bastante oportuna a iniciativa do presidente Juscelino Kubitschek de lançar a Operação Pan-Americana (OPA) logo após os incidentes contra Richard Nixon em maio de 1958. Em sua opinião, a OPA acertava ao apostar no aprofundamento da atuação multilateral dos países latino-americanos em sua relação com os Estados Unidos, mas temia que “tudo ficasse numa efusão de boa vontade e de cordialidade continental, no estilo de tantas outras a que temos assistido na América”, caso a atuação das chancelarias se resumisse apenas “em repetir com maior ênfase as pretensões tradicionais da América Latina”⁷⁵.

Para ele, os países latino-americanos só conseguiriam um comprometimento verdadeiro dos EUA para suas demandas (dentre as quais estava a criação de um banco de desenvolvimento exclusivamente americano e de um fundo de investimentos interamericano) se incluíssem um dispositivo de força ausente anteriormente nas negociações, que aumentasse o poder coercitivo da região. Esse dispositivo, em sua avaliação, só poderia ser a união política da América Latina, iniciada pela aproximação efetiva entre o Brasil e a Argentina, capaz de transformar o bloco latino-americano em uma força política apta a negociar com os Estados Unidos.⁷⁶

Se a Argentina e o Brasil concertassem hoje uma política exterior, e a levassem ao cenário americano e mundial, dando ao mesmo tempo, no campo da política interna, alguns passos decisivos no sentido da integração econômica, estaria criado neste recanto do mundo um gerador político de potência incalculável. E a obra de combate ao subdesenvolvimento teria a seu serviço o mais eficaz dos instrumentos. Se não é com esse instrumento que conta a “operação pan-americana”, urge conhecer o outro em que ela se baseia. Pois toda diplomacia é, em última análise, o emprego de uma parcela de poder, e toda ação diplomática depende, para o seu êxito, de que se tenha criado um dispositivo para sustentá-la.⁷⁷

A coordenação política e diplomática da América Latina também era considerada por San Tiago essencial para que a região conseguisse sustentar de forma uníssona seus pontos de vista no sistema mundial. Entendia que a emergência de novos países, surgidos dos processos de descolonização e independência política na África e na Ásia, e sua admissão como membros das Nações Unidas alteravam de forma substantiva o jogo das forças políticas dentro da Assembleia Geral da ONU. Vendo reduzido seu peso de um terço para um quarto dentro do órgão, as 21 nações latino-americanas ainda poderiam, no entanto, desempenhar importante papel no mundo se conseguissem se apresentar em uma frente unida.⁷⁸

San Tiago também considerava que a América Latina estava pronta para iniciar um processo de integração econômica, assim como propunha a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL). Segundo o autor, “Já vai longe o tempo em que os países latinos eram meros produtores de artigos primários e importadores de manufaturas, vindas da Europa ou dos EE.UU.”⁷⁹, podendo, portanto, beneficiar-se mutuamente de uma maior integração. A construção de um mercado comum na região seria capaz de estimular a complementaridade entre as economias dos países e fomentar as trocas comerciais e os investimentos entre eles, criando, portanto, um estímulo interno ao desenvolvimento de todos e fortalecendo sua posição nos negócios com outros Estados e blocos regionais.

O surgimento do Mercado Comum Europeu em 1957 havia reforçado em San Tiago a percepção de que a política internacional no século XX caminhava para a gradual integração dos

países em “organismos maiores, nos quais a força econômica e política de todas será muitas vezes superior à soma aritmética das parcelas”⁸⁰. Segundo ele,

O século XIX foi o século do equilíbrio europeu, em que se baseou a ideologia paralela do equilíbrio americano, o século XX será o da integração regional, substituindo o atual isolamento de Estados menos poderosos por uma unidade orgânica, progressivamente alcançada sem quebra do princípio igualitário.⁸¹

Entendia que a união de países em uma mesma “soberania econômica”, sem que houvesse por isso perda da autonomia política das partes, teria maiores possibilidades de promover a segurança e a elevação do bem-estar de seus habitantes do que teriam Estados isolados. A estratégia da integração conviria mesmo aos países desenvolvidos da Europa e da Ásia, os quais, individualmente, não eram capazes de prover com seus próprios meios as necessidades de sua defesa perante as superpotências, nem rivalizar com elas em poder econômico. Dessa forma, a formação desses blocos regionais, a começar pela consolidação da integração europeia, constituía para San Tiago uma nova forma de se relacionar no mundo, capaz de superar a bipolaridade:

[...] a eliminação do atual antagonismo entre o Ocidente democrático e o Oriente totalitário, só será eficazmente alcançado quando surgir na Europa Ocidental uma verdadeira comunidade de nações, com a força e a coesão de um super Estado. Essa comunidade somará um poder econômico da mesma ordem de grandeza dos Estados Unidos e da União Soviética, e o nível de prosperidade e de segurança por ela assegurado aos povos que a constituírem representará o mais poderoso sistema preventivo de uma III Guerra Mundial.⁸²

Acreditava também que a eliminação das barreiras entre os países de um bloco regional teria a potencialidade de ser um grande promotor da iniciativa privada nessas áreas, funcionando, portanto, como um “um aparelho de defesa do regime democrático no Ocidente”⁸³, de forma que via com entusiasmo e simpatia a constituição do Mercado Comum Europeu. Contudo, ponderava que o dispositivo poderia trazer repercussões negativas para as economias latino-americanas, caso o bloco passasse a assegurar um tratamento discriminatório aos produtos produzidos nas colônias ainda mantidas pelos seus membros, concorrentes dos produtos latino-americanos.

O inconveniente da “preferência colonial”, que hoje se faz sentir no âmbito restrito das relações entre metrópole e colônia, corre, portanto, o risco de alargar-se. Se assim for, os benefícios do mercado europeu, consistentes, em última análise, no crescimento desse mercado e na sua maior capacidade de importar, não tocarão aos países exportadores, como os latino-americanos, cujos produtos sofrem concorrência dos territórios dependentes daquele mercado. Será mesmo difícil que consigamos manter nas importações dos seis países a posição percentual que temos hoje.⁸⁴

Diante dessa ameaça, convinha aos países latino-americanos tomar medidas de caráter interno e de natureza diplomática. Em primeiro lugar, as chancelarias deveriam pressionar para que o mercado europeu se comprometesse a não adotar qualquer discriminação tarifária em favor das importações euro-africanas, ao mesmo tempo em que deveriam apoiar as iniciativas dos Estados dependentes favoráveis à abolição da prática de “preços de sacrifício” para suas exportações. Em segundo lugar, o Brasil poderia adotar medidas internas para elevar sua produtividade e diminuir seus custos de produção. Por último, acreditava que a constituição de um organismo comunitário, talvez um mercado comum, na América Latina, ou pelo menos na América do Sul, poderia trazer benefícios semelhantes à região e contrabalancear as repercussões negativas advindas da formação de outros blocos.⁸⁵

Percebe-se, portanto, que, ao lado da universalização das relações diplomáticas e comerciais, a promoção da integração latino-americana constituía uma das principais apostas de San Tiago para a renovação da política externa brasileira nos anos finais da década de 1950, uma vez que “a voz do Brasil no mundo encontrará ecos mais fortes e mais prolongados na medida em que traduzir o pensamento harmônico de todo um bloco de países coerentes e solidários”⁸⁶. Além dessas duas propostas, Dantas também recomendava ao Brasil uma mudança de atitude em relação aos demais países subdesenvolvidos do “bloco afro-asiático”, os quais vinham se tornando uma força política considerável desde sua reunião em Bandung em 1955.

Segundo sua visão, o Brasil deveria adotar uma clara política de apoio aos processos de independência dos países africanos e asiáticos. Além de constituir um dever de solidariedade da diplomacia brasileira para com eles, o apoio à sua emancipação política e econômica seguia também um critério de eficiência prática:

Acresce que esses países, sendo produtores dos mesmos artigos que exportamos, terão um papel depressivo no mercado internacional se permanecerem em regime colonial, vendendo a preço de sacrifícios para as próprias metrópoles, e, pelo contrário, virão juntar-se a nós na necessidade de defender um nível mais compensador de preços, se os benefícios assim obtidos reverterem em favor de suas próprias economias.⁸⁷

O Brasil também deveria apoiar o desenvolvimento econômico e social dos países africanos e asiáticos recém-independentizados, contrabalanceando a possível competição comercial com seus produtos por meio da integração econômica latino-americana e de uma atuação conjunta no plano internacional, visando (1) eliminar as desvantagens no comércio internacional sofridas pelos países subdesenvolvidos e (2) afirmar a centralidade do tema do desenvolvimento nas relações internacionais.

Embora entendesse que houvesse menor unidade cultural entre esses países e os latino-americanos, era claro para San Tiago que entre todos existiam interesses comuns relacionados à situação de subdesenvolvimento compartilhada. Enquanto país que buscava superar o subdesenvolvimento, internalizar seus centros de decisão e afirmar sua soberania, ao Brasil interessava, na opinião de San Tiago, que a agenda do desenvolvimento prevalecesse nas relações internacionais em detrimento da agenda de segurança característica da Guerra Fria. A coordenação política na arena internacional e o estabelecimento de eventuais alianças com os demais países subdesenvolvidos poderia, portanto, reforçar essa posição.

Nesse sentido, considerava ser do interesse dos países subdesenvolvidos que a tensão política e militar entre os blocos se encaminhasse para a coexistência e para o desarmamento gradual e progressivo. Por um lado, entendia que o princípio da igualdade jurídica entre as nações só poderia se efetivar “num mundo desprovido de armas e de meios de pressão política ou econômica”⁸⁸. Por outro lado, entendia que a partilha do mundo em duas áreas estanques de influência (ao contrário da coexistência) seria fatal à soberania e à possibilidade de desenvolvimento dos Estados subdesenvolvidos, “cujo progresso encontra estímulo e apoio na necessidade que têm as grandes nações de contribuir para que eles vençam os problemas sociais responsáveis pela debilidade de cada sistema político”⁸⁹.

San Tiago acreditava que um bloco latino-americano coeso poderia constituir uma ponte entre as velhas nações ocidentais e os novos países africanos e asiáticos, “ainda cheios de desconfiança em relação ao Ocidente”, contribuindo para dirimir as dissensões e divergências provenientes do processo de descolonização e impedir a influência que a União Soviética procurava obter sobre eles.⁹⁰

Certamente desejamos ver diminuída a tensão entre o Ocidente e o Oriente, mas em termos de uma integração e não de uma divisão, que nem seria de benefício duradouro para a paz, nem estimularia a elevação geral do nível de vida no mundo. Certamente desejamos que os países subdesenvolvidos da Ásia e da África encontrem, da melhor maneira e

com a maior rapidez, o caminho do enriquecimento; mas desejamos que esse benefício não seja obtido à custa de uma discriminação nociva às populações deste Hemisfério, e sobretudo desejamos que o progresso econômico seja acompanhado do progresso político, pon-do nas mãos de populações pobres mais capazes os meios de autodeterminação. Esses objetivos exigem a formulação de uma política, que não poderá ser inspirada num sentido egoísta da vida internacional, alheio felizmente às nossas tradições, mas terá de responder às nossas necessidades vitais, harmonizando-as com o ideal de justiça e do bem comum.⁹¹

A nova linha de política externa que San Tiago esperava ver se consolidar no Brasil comportava grandes inovações que tinham por objetivo central perseguir, no plano internacional, a satisfação dos interesses vitais da nação, ou seja, no caso brasileiro, a superação do subdesenvolvimento. No entanto, a defesa de uma política desenvolvimentista, da aproximação com os países subdesenvolvidos e do estabelecimento de relações com o bloco soviético não afastava o Brasil do mundo ocidental; ao contrário, para San Tiago, esses pontos constituíam condições essenciais para a consolidação do regime democrático e de livre empresa nos países subdesenvolvidos e, portanto, para a prevalência desse modelo no mundo.

CONCLUSÃO

Entre 1957 e 1959, San Tiago Dantas se projetou no debate público nacional por meio de seus editoriais no *Jornal do Commercio*. Suas reflexões sobre a política internacional e a política externa brasileira no periódico o colocam entre os mais importantes pensadores das relações internacionais do período no Brasil, ao lado, por exemplo, de Hélio Jaguaribe, Horácio Lafer, Hermes Lima e Afonso Arinos. Após a venda do jornal em 1959 para Assis Chateaubriand, San Tiago integrou a delegação brasileira na Vª Reunião de Consulta de Chanceleres Americanos (tendo importante participação na redação da Declaração de Santiago) e foi indicado embaixador do Brasil na Organização da Nações Unidas por Jânio Quadros, embora não tenha assumido o cargo devido à renúncia do presidente. Entre 11 de setembro de 1961 e 25 de junho de 1962, tornou-se Ministro das Relações Exteriores no governo parlamentarista de João Goulart, dando continuidade, mas também trazendo contribuições próprias, à Política Externa Independente, inaugurada na gestão anterior.

A análise de seus escritos no *Jornal do Commercio* revela que muitas das principais ideias que defendeu e implementou como chanceler já haviam sido formuladas, pelo menos parcialmente, nos anos finais da década de 1950. A ideia de “coexistência competitiva” entre Ocidente e União Soviética, a qual constituía uma contribuição original de San Tiago à PEI (PETROCCHI, 2017), já estava presente desde 1957, embora ainda não nomeasse dessa forma. Do mesmo modo, San Tiago já notava naquele período os limites que a manutenção do tradicional alinhamento aos Estados Unidos na política externa poderia oferecer aos interesses brasileiros, assinalando a necessidade de o país reformular profundamente sua linha diplomática.

Diante do diagnóstico de que a região latino-americana se encontrava em posição de inferioridade na disputa pela cooperação econômica internacional, principalmente pela negligência dos Estados Unidos, San Tiago defendeu o restabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com o bloco comunista, a necessidade de integração política e econômica com os países latino-americanos e o fortalecimento dos contatos com o bloco afro-asiático. A aliança com os países subdesenvolvidos e a defesa de uma coexistência pacífica tinham como propósito principal a superação das tensões político-militares e, sobretudo, a afirmação de uma agenda internacional voltada para o desenvolvimento econômico e social dos povos. Para San Tiago Dantas, a superação do subdesenvolvimento no mundo, promovida pelas nações ricas, constituía uma etapa fundamental para a sobrevivência do regime democrático e da vitória dos valores ocidentais sobre o comunismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBURQUERQUE, G. *Tercermundismo y no alineamiento en América Latina durante la Guerra Fría*. Valparaíso: Inubicalistas, 2020.
- ALMEIDA, P. R. de. Revista Brasileira de Política Internacional: quatro décadas ao serviço da inserção internacional do Brasil. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 41, p. 42–65, 1998.
- ALVES, L. P. *A política externa (in) dependente em três tempos: autonomia e crise nos governos Quadros/Goulart, Geisel e Lula/Rousseff*. Tese (Doutorado em Economia Política Internacional) – Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- AZEVEDO, A. S. de. *Conflito, argumento e negociação: San Tiago Dantas e a Conferência de Punta Del Este, 1962*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- BANDEIRA, M. *Relações Brasil-EUA no contexto da globalização: a rivalidade emergente*. São Paulo: Ed. SENAC, 1999.
- BERGEL, M. *El oriente desplazado: los intelectuales y los orígenes del tercermundismo en la Argentina*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2015.
- BIELSCHOWSKY, R. *Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo*. Rio de Janeiro: IPA/INPES, 2004.
- CEPÊDA, V. A. Inclusão, democracia e novo-desenvolvimentismo: um balanço histórico. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 26, n. 75, p. 77–90, ago. 2012.
- CRUZ, J. H. de B. Aspectos da evolução da diplomacia brasileira no período da política externa independente (1961-1964). *Cadernos do IPRI*, n. 2, p. 65–78, 1989.
- DANTAS, S. T. *Política Externa Independente*. 2. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.
- DANTAS, S. T. *Poder Nacional, Cultura Política e Paz Mundial: conferências de San Tiago Dantas na Escola Superior de Guerra (1951–1962)*. Rio de Janeiro: ESG, 2014.
- DEVÉS-VALDÉS, E. *Pensamiento periférico: una tesis interpretativa global*. Buenos Aires: CLACSO; IDEA-USACH, 2014.
- FIELD JR, T. C.; KREPP, S.; PETTINÀ, V. *Latin America and the Global Cold War*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2020.
- FIGUEIREDO, A. *Democracia ou reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- FONSECA JR, G. Mundos diversos, argumentos afins: aspectos doutrinários da política externa independente e do pragmatismo responsável. In: _____. *A Legitimidade e Outras Questões Internacionais: poder e ética entre as nações*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- FONSECA JR, G. Os colóquios da Casa das Pedras: argumentos da diplomacia de San Tiago Dantas. *Cadernos do CHDD (Centro de História e Documentação Diplomática)*, Brasília, ano 6, n. 11, 2011.
- FREIXO, A.; RODRIGUES, T. (Org.). *San Tiago Dantas e a Política Externa Independente*. Rio de Janeiro: Luzes, 2017.
- GOMES, Ângela; FERREIRA, J. *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- GONÇALVES, W. San Tiago Dantas: Democracia, Autonomia e Desenvolvimento. *Cadernos de Estudos Estratégicos (CEE - ESG)*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 185–199, jul. 2010.
- JAGUARIBE, H. *O nacionalismo na atualidade brasileira*. Rio de Janeiro: ISEB, 1958.
- LEAL, C.; SANDRONI, C. *Jornal do Comércio. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-comercio>>. Acesso em: 14 fev. 2022.
- LEITE, P. S. *O Brasil e a cooperação Sul-Sul em três momentos de política externa: os governos Jânio Quadros/João Goulart, Ernesto Geisel e Luiz Inácio Lula da Silva*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011. v. 527.
- LIMA, M. R. S. de. Ejes analíticos y conflicto de paradigmas en la política exterior brasileña. *América Latina/Internacional*, v. 1, n. 2, p. 27–46, 1994.

- LIMA, M. R. S. de. Política Externa Independente de San Tiago Dantas. In: MOREIRA, M. M.; NISKIER, A.; REIS, A. (Org.). *Atualidade de San Tiago Dantas*. São Paulo: Lettera.doc, 2005.
- MANZUR, T. M. P. G. A política externa independente (PEI): antecedentes, apogeu e declínio. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 93, p. 169–199, dez. 2014.
- ONOFRE, G. da F. *Em busca da esquerda esquecida: San Tiago Dantas e a Frente Progressista*. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012.
- PETROCCHI, R. *Uma variação de conteúdos políticos na Política Externa Independente*. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.
- PETROCCHI, R. San Tiago Dantas: a política externa como instrumento de reforma social e de democracia. *Carta Internacional*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 81–96, dez. 2015.
- PETROCCHI, R. A coexistência competitiva de San Tiago Dantas: uma singularidade na Política Externa Independente. In: FREIXO, A. de; RODRIGUES, T. (Org.). *San Tiago Dantas e a Política Externa Independente*. Rio de Janeiro: Luzes, 2017.
- PETTINÀ, V. *Historia mínima de la Guerra Fría en América Latina*. Cidade do México: El Colegio de México, 2018.
- PINHEIRO, L. Traídos pelo desejo: um ensaio sobre a teoria e a prática da política externa brasileira contemporânea. *Contexto internacional*, v. 22, n. 2, p. 305, 2000.
- QUENTAL, F. de S. T. D. B. Nota, a modo de explicação. In: DANTAS, S. T. (Ed.). *Várias Notícias: Os editoriais do Jornal do Commercio do Rio de Janeiro entre março de 1957 e abril de 1959*. V.1 – Temas econômicos e sociais. Org. de Felipe de San Tiago Dantas B. Quental. S.l.: s.n., 2018. v. 1. Disponível em: <<https://www.santiagodantas.com.br/obra/livros/>>.
- QUINTANEIRO, T. *Cuba e Brasil: da revolução ao golpe (1959-1964): uma interpretação sobre a política externa independente*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1988.
- RIBEIRO, R. F. *San Tiago Dantas: ideias e rumos para a Revolução Brasileira (1929-1964)*. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021a.
- RIBEIRO, R. F. Política externa e projeto nacional de desenvolvimento: dois momentos de San Tiago Dantas. *Mundo e Desenvolvimento: Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais*, São Paulo, v. 2, n. 6, p. 7–29, 31 ago. 2021b.
- SAHNI, V. Brazil: fellow traveler on the long and winding road to Grandeza. In: MALONE; MOHAN; RAGHAVAN (Org.). *Oxford Handbook of Indian foreign policy*. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 524–538.
- SERRA, C. A. *O pensamento político de San Thiago Dantas: uma análise crítica da conjuntura político-ideológica de 1958-1964*. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas e Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.
- VIZENTINI, P. G. F. *Relações Exteriores do Brasil (1945-1964): o nacionalismo e a política externa independente*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- WEIS, W. M. The Twilight of Pan-Americanism: The Alliance for Progress, Neo-Colonialism, and Non-Alignment in Brazil, 1961-1964. *The International History Review*, v. 23, n. 2, p. 322–344, 2001.
- ZUBOK, V. M. *A failed empire: the Soviet Union in the Cold War from Stalin to Gorbachev*. Chapel Hill: Univ. of North Carolina Press, 2009.

NOTAS EXPLICATIVAS

- ¹ A pesquisa que deu origem a este artigo foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo 2017/14596-3).
- ² Sobre as relações da América Latina com o movimento terceiromundista e a inserção da região na Guerra Fria global, conferir: Pettinà (2018), Alburquerque (2020), Field Jr., Krepp e Pettinà (2020).
- ³ Sobre o papel de San Tiago Dantas na formulação e na implementação da PEI, conferir: Cruz (1989), Petrocchi (1995, 2015), Lima (2005), Fonseca Jr. (2011), Azevedo (2014), Freixo e Rodrigues (2017).

- ⁴ Fundado pelo francês Pierre Plancher em 1º de outubro de 1827, no Rio de Janeiro, o *Jornal do Commercio* era o mais antigo jornal em circulação ininterrupta na América Latina, com 189 anos, quando encerrou suas atividades em 29 de abril de 2016. Foi um dos mais influentes jornais cariocas entre o Império e meados do século XX, tendo passado pelo seu quadro de colaboradores personalidades como José Maria da Silva Paranhos, futuro Barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Joaquim Manuel de Macedo e Lima Barreto. (LEAL; SANDRONI, [s.d.]
- ⁵ Várias. *Jornal do Commercio*, 25 e 26 de março de 1957.
- ⁶ “O jornal era dirigido, a quatro mãos, por meu tio e por Octávio Thyerso Lucio Cabral de Andrade. As “Várias”, como as chamávamos, eram escritas quase sempre por San Tiago – sempre quando o assunto era predominantemente político, ou envolvia questões de política internacional, e ocasionalmente por Roberto Campos, quando o assunto era o orçamento da República, ou por Octávio, quando se tratava de café, então a nossa maior pauta de exportação.” (QUENTAL, 2018, p. 1–2).
- ⁷ “Parte vital do jornal, na Primeira República os editoriais eram publicados sob a rubrica ‘Várias’, abreviação do título da seção ‘Várias notícias do Jornal do Comércio’. A expressão ‘Várias’ foi dicionarizada como sinônimo de editorial e permaneceu nas páginas do jornal até 1997, quando foi substituída pelo título ‘Opinião’.” (LEAL; SANDRONI, [s.d.]
- ⁸ Sobre a atuação política e intelectual de San Tiago Dantas no período entre 1959 e 1964, enquanto defensor de um trabalhismo moderado alternativo à radicalização política que antecedeu o golpe civil-militar de 1964, ver Figueiredo (1993), Serra (1991), Onofre (2012), Gomes e Ferreira (2014). Sobre a trajetória política e intelectual de San Tiago Dantas, conferir Ribeiro (2021a).
- ⁹ Todas as edições do *Jornal do Commercio* estão disponíveis digitalizadas no *site* da Hemeroteca Nacional (<<http://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-commercio-rio-de-janeiro/>>). Os editoriais escritos por San Tiago Dantas foram reunidos pelo seu sobrinho Felipe de San Tiago Dantas Barbosa Quental em dois livros, disponíveis no *site* mantido pela família dedicado à vida e à obra do autor (<<https://www.santiagodantas.com.br/obra/livros/>>).
- ¹⁰ Várias. *Jornal do Commercio*, 17 de novembro 1957.
- ¹¹ Várias. *Jornal do Commercio*, 17 de novembro 1957.
- ¹² Várias. *Jornal do Commercio*, 13 de julho de 1957.
- ¹³ Várias. *Jornal do Commercio*, 17 de novembro 1957.
- ¹⁴ Várias. *Jornal do Commercio*, 8 de novembro 1957.
- ¹⁵ Várias. *Jornal do Commercio*, 8 de novembro 1957.
- ¹⁶ Várias. *Jornal do Commercio*, 8 de novembro 1957.
- ¹⁷ O tema do “aperfeiçoamento da personalidade humana” é central no pensamento político de San Tiago Dantas desde seus anos de juventude, quando é influenciado pela doutrina social católica e em especial pelo personalismo de Jacques Maritain. A noção de personalidade humana para estes autores católicos diverge da noção de indivíduo do liberalismo e se opõe ao coletivismo comunista. Em torno da defesa da pessoa humana, San Tiago justificou sua adesão a diferentes projetos políticos de cunho não liberal e anticomunista em sua trajetória: na década de 1930, aos fascismos e, a partir da 2ª Guerra Mundial, à social-democracia e ao desenvolvimentismo. Análise este aspecto do pensamento de San Tiago em dois artigos futuros: ““O mais cristão dos sistemas políticos modernos”: fascismo e catolicismo no pensamento político do jovem San Tiago Dantas” e “San Tiago Dantas e Guerreiro Ramos: duas recepções do pensamento católico no Brasil na década de 1930, escrito com Alan Caldas.
- ¹⁸ Várias. *Jornal do Commercio*, 8 de novembro 1957.
- ¹⁹ Várias. *Jornal do Commercio*, 9 de agosto de 1957.
- ²⁰ Várias. *Jornal do Commercio*, 8 e 9 de julho de 1957.
- ²¹ Várias. *Jornal do Commercio*, 11 de agosto de 1957.
- ²² Várias. *Jornal do Commercio*, 25 e 26 de novembro de 1957.
- ²³ Várias. *Jornal do Commercio*, 30 de março de 1958; 4 de outubro de 1957; 5 de outubro de 1957.
- ²⁴ Várias. *Jornal do Commercio*, 9 de agosto de 1957.
- ²⁵ Várias. *Jornal do Commercio*, 29 de março de 1958.
- ²⁶ Várias. *Jornal do Commercio*, 29 de março de 1958.
- ²⁷ Várias. *Jornal do Commercio*, 29 de março de 1958.
- ²⁸ Várias. *Jornal do Commercio*, 29 de março de 1958.
- ²⁹ Várias. *Jornal do Commercio*, 29 de março de 1958.
- ³⁰ Várias. *Jornal do Commercio*, 5 de outubro de 1957.
- ³¹ Várias. *Jornal do Commercio*, 4 de outubro de 1957.
- ³² Várias. *Jornal do Commercio*, 28 de setembro de 1957; 5 de outubro de 1957; 27 de abril de 1958.
- ³³ Sobre esse ponto, San Tiago acrescenta: “Enquanto houver no mundo o risco da guerra, e do conflito total entre Ocidente e Oriente, teremos de contar com a eventualidade catastrófica da mútua destruição com armas termonucleares, e a única esperança de uma limitação, ou disciplina, na catástrofe, reside no

aperfeiçoamento dessas armas, pela eliminação da radioatividade residual. Suspender as experiências importa, assim, em fixar a bomba atômica no seu nível atual de eficácia, isto é, na sua maior periculosidade, e isto sem que o mundo tenha feito progressos no terreno político capazes de diminuir, de forma substancial, o risco de guerra.” (Várias. JORNAL DO COMMERCIO, 27 abr. 1958).

³⁴ Várias. Jornal do Commercio, 13 de julho de 1957.

³⁵ Várias. Jornal do Commercio, 27 de novembro de 1957.

³⁶ Várias. Jornal do Commercio, 29 de março de 1958.

³⁷ Várias. Jornal do Commercio, 5 de outubro de 1957.

³⁸ Várias. Jornal do Commercio, 10 de agosto de 1957.

³⁹ Várias. Jornal do Commercio, 2 de março de 1958.

⁴⁰ Pode-se identificar essa posição de San Tiago com a absorção de postulados da Teoria do Subdesenvolvimento formulada por intelectuais latino-americanos, como Raúl Prebisch e Celso Furtado, e com a defesa das políticas desenvolvimentistas, hegemônicas no Brasil desde o Estado Novo. Apesar de haver muitos pontos de consenso entre intelectuais desenvolvimentistas, tais como Roberto Campos e Rômulo Almeida, havia divergências profundas entre eles, sobretudo em relação ao grau de intervencionismo do Estado e à necessidade ou não de capitais estrangeiros. Sobre o desenvolvimentismo, conferir Bielschowsky (2004) e Cepêda (2012). Sobre o desenvolvimentismo no pensamento de San Tiago Dantas, argumento que “Durante os governos Dutra e Vargas, Dantas esteve vinculado ao grupo de desenvolvimentistas do setor público não nacionalista à frente do Ministério das Relações Exteriores e do Ministério da Fazenda. Nesse momento, Dantas defendeu que o Estado brasileiro, sem cair no ‘dirigismo econômico’, deveria ter um plano de atração de capitais estrangeiros públicos e privados (sobretudo dos Estados Unidos) e de direção desses investimentos em alguns setores estratégicos da economia nacional. Na política externa, elaborou argumentos e estratégias para tentar conseguir dos EUA um ‘Plano Marshall’ para o Brasil. A partir de 1955, e mais fortemente após 1959, seu projeto desenvolvimentista incorporou aspectos reformistas e distributivistas que deveriam acompanhar as políticas de industrialização e crescimento econômico.” (RIBEIRO, 2021b, p. 26).

⁴¹ Várias. Jornal do Commercio, 2 de março de 1958.

⁴² Várias. Jornal do Commercio, 6 e 7 de janeiro de 1958.

⁴³ Várias. Jornal do Commercio, 1º de maio de 1957.

⁴⁴ Várias. Jornal do Commercio, 12 e 13 de agosto de 1957.

⁴⁵ Provavelmente, San Tiago refere-se à IVª Reunião de Consulta de Chanceleres Americanos, ocorrida em Washington, em março de 1951, à qual esteve presente como delegado brasileiro e na qual desempenhou importante papel (RIBEIRO, 2021b, p. 18–19).

⁴⁶ Várias. Jornal do Commercio, 12 e 13 de agosto de 1957.

⁴⁷ Várias. Jornal do Commercio, 14 de agosto de 1957.

⁴⁸ Várias. Jornal do Commercio, 15 de junho de 1958.

⁴⁹ Várias. Jornal do Commercio, 31 de maio de 1957.

⁵⁰ Várias. Jornal do Commercio, 31 de maio de 1957.

⁵¹ Várias. Jornal do Commercio, 31 de maio de 1957.

⁵² Várias. Jornal do Commercio, 30 e 31 de dezembro de 1957.

⁵³ Várias. Jornal do Commercio, 19 e 20 de agosto de 1957.

⁵⁴ Várias. Jornal do Commercio, 19 e 20 de agosto de 1957.

⁵⁵ Várias. Jornal do Commercio, 30 e 31 de dezembro de 1957.

⁵⁶ Várias. Jornal do Commercio, 14 de agosto de 1957.

⁵⁷ Várias. Jornal do Commercio, 14 de agosto de 1957.

⁵⁸ Várias. Jornal do Commercio, 12 e 13 de agosto de 1957.

⁵⁹ Várias. Jornal do Commercio, 10 de agosto de 1957.

⁶⁰ Várias. Jornal do Commercio, 2 de março de 1958.

⁶¹ Várias. Jornal do Commercio, 14 de maio de 1958.

⁶² Várias. Jornal do Commercio, 27 de fevereiro de 1958.

⁶³ Várias. Jornal do Commercio, 28 de novembro de 1957.

⁶⁴ Várias. Jornal do Commercio, 26 de fevereiro de 1958.

⁶⁵ San Tiago desenvolveu de forma mais sistemática suas noções sobre política internacional e a vinculação entre a política exterior dos países e seus interesses vitais ainda no início da década de 1950, especialmente na conferência *Poder Nacional: Seus Móveis, Interesses e Aspirações; Realismo e Idealismo Políticos*, pronunciada em 24 de março de 1953. Conferir Dantas (2014).

⁶⁶ Várias. Jornal do Commercio, 27 de novembro de 1957.

⁶⁷ Várias. Jornal do Commercio, 28 de novembro de 1957.

⁶⁸ Para além de San Tiago, outros intelectuais e movimentos políticos também já vinham criticando ao longo da década de 1950 a política externa de “aliado especial” dos EUA, como no Manifesto da Frente

Nacionalista Brasileira (1953), no manifesto de lançamento da Frente Parlamentar Nacionalista (1956) e no livro *O nacionalismo na atualidade brasileira*, de Hélio Jaguaribe (1958, cap. 18 a 22). Também nesses anos cresceram de forma acentuada no Brasil os espaços intelectuais dedicados à reflexão sobre as relações internacionais e a política externa brasileira, como os Cadernos do Nosso Tempo (do Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política, 1953), o Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (1954) e a Revista Brasileira de Política Internacional (1958) (ALMEIDA, 1998).

⁶⁹ Várias. *Jornal do Commercio*, 29 de dezembro de 1957.

⁷⁰ Várias. *Jornal do Commercio*, 29 de dezembro de 1957.

⁷¹ Várias. *Jornal do Commercio*, 29 de dezembro de 1957.

⁷² Várias. *Jornal do Commercio*, 29 de dezembro de 1957.

⁷³ Várias. *Jornal do Commercio*, 29 de dezembro de 1957.

⁷⁴ Várias. *Jornal do Commercio*, 27 de novembro de 1958.

⁷⁵ Várias. *Jornal do Commercio*, 22 de outubro de 1958.

⁷⁶ Almeida assinala que Hélio Jaguaribe já em 1953 escrevia nos Cadernos do Nosso Tempo “matérias pioneiras (e desafiadoras) sobre a integração Brasil-Argentina” (ALMEIDA, 1998, p. 45).

⁷⁷ Várias. *Jornal do Commercio*, 22 de outubro de 1958.

⁷⁸ Várias. *Jornal do Commercio*, 25 de setembro de 1957.

⁷⁹ Várias. *Jornal do Commercio*, 10 e 11 de junho de 1957.

⁸⁰ Várias. *Jornal do Commercio*, 9 de junho de 1957.

⁸¹ Várias. *Jornal do Commercio*, 9 de junho de 1957.

⁸² Várias. *Jornal do Commercio*, 9 de junho de 1957.

⁸³ Várias. *Jornal do Commercio*, 9 de junho de 1957.

⁸⁴ Várias. *Jornal do Commercio*, 10 e 11 de junho de 1957.

⁸⁵ Várias. *Jornal do Commercio*, 10 e 11 de junho de 1957.

⁸⁶ Várias. *Jornal do Commercio*, 13 de outubro de 1957.

⁸⁷ Várias. *Jornal do Commercio*, 8 e 9 de abril de 1957.

⁸⁸ Várias. *Jornal do Commercio*, 5 de outubro de 1957.

⁸⁹ Várias. *Jornal do Commercio*, 29 de março de 1958.

⁹⁰ Várias. *Jornal do Commercio*, 25 de setembro de 1957.

⁹¹ Várias. *Jornal do Commercio*, 28 de novembro de 1957.

Recebido em fevereiro de 2022.

Aprovado em agosto de 2022.